

*São algumas as contribuições que a Psicologia Positiva, aqui abordada, pode trazer para a educação: centrar o foco, entre outras coisas, nas dimensões positivas que potencializam o desenvolvimento humano, refletindo nas motivações, nas capacidades, no fortalecimento daquilo que está bom, na provocação das emoções positivas, na afetividade, na otimização das forças, no cultivo do amor no fazer, tudo isto permeado pela resiliência, que coloca o sujeito em movimento de elasticidade, aprendendo a crescer nas adversidades de forma persistente e adaptando-se às mudanças.*

**Juan Mouriño Mosquera**  
**Claus Stobaus**  
**Adelar Hengemühle**

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

# Psicologia positiva: contribuições para a educação focada na formação de pessoas empreendedoras

## *Positive psychology: contributions on the formation of entrepreneur people*

JUAN MOURIÑO MOSQUERA\*

CLAUS STOBAUS\*\*

ADELAR HENGEMÜHLE\*\*\*

### Resumo

Contribuir para a formação de pessoas empreendedoras, com visão sistêmica, tendo como referencial a Psicologia Positiva, focada nas dimensões humanas da resiliência, das dimensões afetivas, emocionais, na motivação e no sentido do fazer é o principal objetivo desse artigo. Amplia-se a compreensão de tradicionais temas, como a formação para o empreendedorismo. O empreendedor, diante do contexto e das necessidades atuais, tem sua atuação voltada para além das dimensões econômicas e precisa estar focado em todos os meandros da vida, sejam eles econômicos, sociais, culturais, sejam, principalmente, relacionados ao cuidado e à qualidade ambiental da vida. Enfatiza-se a necessidade de contemplar, na formação, a integração das dimensões cognitiva, afetiva e emocional. Para tanto, o conhecimento gerado nas práticas pedagógicas precisa ter sentido e ser útil. Compreende-se que os exercícios mentais e a produção do conhecimento apenas conseguirão atingir suas metas se houver envolvimento emocional dos estudantes. Em síntese, é do sentido e da utilidade do conhecimento a ser produzido que dependem a motivação e o envolvimento ao qual nos referimos. Para atingir esses objetivos, no entanto, a formação de professores e as práticas pedagógicas precisam se revistas.

\* Pós-doutor em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid; Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS - PPGEduc/FACED/PUCRS; E-mail: mosquera@pucrs.br

\*\* Pós-doutor em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid; Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS - PPGEduc/FACED/PUCRS; E-mail: stobaus@pucrs.br

\*\*\* Doutor e Pós-doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; Diretor e Professor de Didática da Faculdade Cenecista de Osório/RS; E-mail: adelar@facos.edu.br

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Sentido cognitivo. Sentido afetivo. Sentido emocional.

## Abstract

This article aims to contribute to the formation of entrepreneurial people, with a systemic view, having as reference the Positive Psychology, focused on the human dimensions of resilience, affective and emotional dimensions, the motivation and in the sense of doing. It is enlarged the comprehension of traditional topics, as the formation to the entrepreneurship. The entrepreneur, before the context and the current needs, acts beyond the economic dimensions and must be focused in all the meanders of life, whether economical, social, , cultural or , mainly, related to the care and environmental quality of life .It is emphasized the need of contemplating, in the formation, the integration of the cognitive, affective and emotional dimensions. Thus, the knowledge generated in the pedagogical practices must be meaningful and useful. It is understood that mental exercises and the knowledge production will only reach their aims if there is emotional involvement of students .To synthesize, it is from the meaning and usefulness of the knowledge to be produced that depend the motivation and involvement which we referred before. To achieve these aims, however, the formation of teachers and the pedagogical practices must be reviewed.

**Keywords:** Entrepreneurship. Cognitive sense. Affective sense. Emotional sense.

## Introdução

Reavaliar nossos conceitos, compreensões e agir é, no contexto contemporâneo, um constante exercício. Por um lado, as necessidades exigem respostas sempre mais desafiadoras, principalmente no campo educacional. Por outro, os referenciais que nos movem se ampliam e se transformam.

As necessidades de viver e conviver hoje remetem à educação voltada a exercitar mentes, tornando-as capazes de responder a situações e problemas sempre novos. Nesse contexto, surgem atributos novos e novas concepções para embasar as práticas pedagógicas. Delors (1998) e os quatro pilares da educação para o século XXI (ser, conviver, conhecer e fazer), Perrenoud (1999) e a sua abordagem de formar para as competências (pessoas capazes de resolver problemas fora da rotina) são alguns exemplos. Todos remetem à rediscussão dos fundamentos que sustentam as bases do processo educacional. Formar pessoas empreendedoras é, segundo a nossa concepção, um propósito que pode contribuir para assentar essas novas bases de fazeres educacionais. Esse propósito, historicamente, é abordado nos meios empresariais, da administração e da economia; na presente

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

abordagem, é discutido em dimensões mais abertas e sistêmicas.

Para ajudar-nos na formação mais sólida e significativa neste contexto problematizador, a reflexão volta-se para as compreensões da natureza humana. A educação envolve pessoas. Fazemos educação com pessoas e para pessoas. Portanto, o sucesso da ação educativa depende do conhecimento que temos da natureza humana, respeitando, em nosso fazer pedagógico, os princípios que movem o ser humano a aprender e os modos como ele se motiva. Muito temos evoluído nesse sentido. Quanto mais evoluímos nas pesquisas, mais compreendemos a complexidade da pessoa.

Para formar pessoas empreendedoras, incorporamos aqui as importantes contribuições que a Psicologia Positiva tem trazido para o campo educacional. São algumas as contribuições que a Psicologia Positiva, aqui abordada, pode trazer para a educação: centrar o foco, entre outras coisas, nas dimensões positivas que potencializam o desenvolvimento humano, refletindo nas motivações, nas capacidades, no fortalecimento daquilo que está bom, na provocação das emoções positivas, na afetividade, na otimização das forças, no cultivo do amor no fazer, tudo isto permeado pela resiliência, que coloca o sujeito em movimento de elasticidade, aprendendo a crescer nas adversidades de forma persistente e adaptando-se às mudanças.

Certo é que, no pano de fundo das presentes reflexões de caráter teórico, precisamos desenvolver inúmeras análises para que, em especial, os docentes possam introduzir esses conceitos na organização, no planejamento e no desenvolvimento de práticas pedagógicas que, efetivamente, se aproximem do idealizado, ou seja, formar pessoas empreendedoras.

## **Formar pessoas empreendedoras: breves conceitos**

Os desafios da contemporaneidade põem o homem diante de novas necessidades. Conceitos que eram inquestionáveis, tradicionalmente, hoje, diante dos cenários e problemas globais, exigem novas explicações e soluções. Precisamos resgatar o homem para que, em seu pensar e agir, respeite a vida sistemicamente. É preciso formar pessoas que sejam capazes de estabelecer relações de respeito com os outros e com o meio, que tenham visão integrada e que sejam criativas para apresentar soluções a problemas sempre novos e complexos, respeitando a harmonia da vida. Entre outras contribuições, precisamos ampliar a reflexão quando pensamos na formação de pessoas empreendedoras.

Imbuídos desses princípios, na primeira parte da nossa abordagem, vamos tratar de possíveis conceitos do termo empreendedorismo, para situar-nos. Em seguida, fundamentados na Psicologia Positiva e em suas nuances, refletimos sobre as contribuições desse ramo da psicologia, buscando contribuições para compreender e desenvolver a formação de pessoas empreendedoras.

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

## Empreendedorismo: alguns referenciais para situarmos o tema

Não nos propomos a analisar o tema empreendedorismo apenas na forma tradicional em que, comumente, é tratado pelos administradores e profissionais da área da economia. Ser empreendedor, nessas áreas, é de fundamental importância; no entanto, trazemos a discussão para um campo sistêmico, no qual, em todas as dimensões da vida humana (família, sociedade, sustentabilidade do planeta, problemas sociais, culturais, econômicos), a pessoa empreendedora tem papel fundamental e diferenciado em seu fazer.

Para ajudar-nos nessa reflexão, recorreremos a Dolabela<sup>1</sup> na defesa dessa linha de raciocínio, quando afirma que um empreendedor é um profissional criador que muda qualquer área do conhecimento humano. Está sempre pensando no futuro, originando novos métodos para melhorar algo.

Em outro momento, Dolabela defende que precisamos de um novo conceito de empreendedorismo, voltado para a sustentabilidade como meio para alcançar a sobrevivência e depois a prosperidade em todas as áreas em que o empreendimento se situa. Portanto, estamos falando de mentes diferenciadas que, ao se confrontarem com problemas do seu contexto social ou profissional, são capazes de reagir com respostas incomuns. Percebemos, assim, por exemplo, a aproximação do empreendedorismo com o tão discutido termo competência, pelo qual somos chamados a solucionar problemas fora da rotina.

O mesmo autor, em outra passagem das suas reflexões<sup>2</sup>, refere-se ao empreendedorismo dentro do contexto brasileiro, afirmando que, no Brasil, o tema central do empreendedorismo deve ser o desenvolvimento social, tendo como prioridade o combate à miséria e oferecendo-se como um meio de geração e distribuição de renda. De forma pontual, Dolabela continua demonstrando a sua preocupação com o indivíduo, afirmando que o empreendedorismo deve ser relacionado à capacidade de se gerar riquezas acessíveis a todos. Como geralmente a renda concentrada teima em não se distribuir, é importante que ela seja gerada já de forma distribuída. É disso que cuida o empreendedorismo. Trata-se de uma nova concepção de empreendedor: alguém que se preocupa com o bem-estar das pessoas e do meio em sua integralidade. Começamos a perceber também a aproximação com a Psicologia Positiva que, como veremos adiante, traz à tona a necessidade de fortalecer as potencialidades positivas da pessoa, possibilitando-lhe realizar-se, ser feliz, ter vida alegre e sentir-se mais satisfeita. Por si só, um empreendedor que for capaz de contribuir com ideias inovadoras para desenvolver emoções positivas nas pessoas, promovendo ao máximo o desenvolvimento do potencial humano, terá ele mesmo construído a sua realização pessoal.

<sup>1</sup> <http://globalizacaosustentavel.wordpress.com/2009/10/30/o-mundo-empendedor>.

<sup>2</sup> <http://fernandodolabela.wordpress.com/about>.

Percebemos, assim, que a ação do empreendedor se estende a todas as dimensões da vida. O ponto de vista de Dolabela coincide com nosso pensamento inicial quanto a afirmar que não vê o empreendedorismo como um conceito econômico. Para ele, esse vocábulo tem antes uma conotação social, cujo preceito ético é gerar utilidade para os outros. É esse também o seu referencial ético, com o qual nós concordamos. Nessas reflexões, já se abrem novas janelas da dimensão humana para o empreendedorismo: a vida e o ser humano em suas dimensões sistêmicas – relações, amor, afeto, emoções, felicidade, resiliência, desafios e bem-estar social, entre outros. Portanto, o empreendedor é visto aqui como alguém preocupado com a globalidade da vida, na qual os sujeitos harmonicamente possam viver e desenvolver suas potencialidades.

Complementando Dolabela, podemos também apontar outros autores que ajudam a compreender e ampliar o perfil do empreendedor. Segundo Cole (1959) temos quatro tipos de empreendedores: o inovador, o inventor, o promotor superotimista e o construtor de organização. De acordo com McClelland (1961), empreendedor é um sujeito motivado por uma irresistível necessidade de realização e por um forte impulso para construir. Construir, em nossa visão, um contexto-mundo-vida em que todos os seres, humanos ou não, possam viver e conviver.

A formação de pessoas empreendedoras ou, também, competentes (termos complementares e não fragmentados), exige uma nova visão e compreensão do homem, em dimensões talvez pouco exploradas até o momento. Um primeiro intento a realizar, como já visto, consiste em aprofundar a reflexão e a compreensão do próprio homem. As contribuições apresentadas a seguir objetivam ajudar-nos nesse sentido, para que possamos preparar melhor e desenvolver uma formação que venha ao encontro das expectativas e necessidades da pessoa no atual contexto.

## **Psicologia positiva: potencializar as dimensões humanas na formação do empreendedor**

Recorremos aqui, motivados pela Psicologia Positiva, a referenciais que julgamos possam ajudar, em especial os educadores, a elucidar e compreender melhor a natureza humana, suas necessidades, seus desejos e, pautados neles, possam contribuir para reconstruirmos nossas concepções pedagógicas, entre outros aspectos, no que tange à formação de pessoas empreendedoras. Inicialmente, abordamos conceitos e compreensões referentes à Psicologia Positiva. Em seguida, como ampliação ou complementação desses dados, enfocaremos:

- a resiliência: a adversidade como potencial de crescimento;
- a afetividade e a emoção: potencialização da mente que raciocina; e
- a motivação humana potencializada pelo significado da ação.

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

## Psicologia Positiva: forças impulsionando a otimização do potencial humano

Compreender a complexidade humana pode ser, acreditamos, o primeiro passo para sermos capazes de estabelecer metodologias que possibilitem compreender a vida no entorno. À medida que, no passado, o homem começou a conhecer-se melhor (Freud, Lacan, entre outros), muitas angústias puderam ser dirimidas, mas outras novas, e mais complexas, surgiram. Isso compreende o movimento natural da vida: o movimento utópico da busca de respostas finais, as quais nunca alcançaremos, mas, sem as quais, a vida perde a razão de ser. Refletir sobre as potencialidades e as dimensões do próprio homem, sem dúvida, contribuiu para a compreensão mais complexa da vida, pois as forças que estavam ocultas puderam ser pensadas e estimuladas.

Muitos referenciais foram construídos nessa história. No entanto, em especial desde o início do século passado e, mais ainda, em sua segunda metade, quando novamente nos damos conta de que a vida é sistêmica, tornou-se claro que a compreensão não pode ser buscada em focos isolados e fragmentados. Mesmo que isso tenha trazido a transformação ou até a perda de muitos referenciais, começamos a ver novo sentido na vida e no fazer humano.

Nesse contexto, surge o movimento da Psicologia Positiva. Ela se apresenta como reação ao modelo existente que, além de analisar a pessoa de forma fragmentada, preocupava-se em focar as suas fragilidades e erros. Buscamos agora uma visão sistêmica do homem, potencializando o que há de bom nele.

Contentamo-nos, no presente artigo, em abordar alguns conceitos e características desse novo movimento, em especial os aspectos que poderão contribuir, e muito, para a elaboração de práticas pedagógicas que, entre outros objetivos, levem à formação de pessoas empreendedoras.

Questionando a histórica fragmentação, Yunes (2003, p. 75) reflete que “a ciência psicológica tem esquecido ou negligenciado a sua mais importante missão: a de construir uma visão de ser humano com ênfase em aspectos virtuosos”. Recalcando, historicamente apontávamos muito para os erros e nos preocupávamos com eles e com os aspectos negativos do ser humano. Somos agora convidados a ressaltar as forças e potencialidades humanas. Seligmann (2002) afirma que a Psicologia deveria possibilitar muito mais do que apenas reparar o que está errado, devendo identificar e fortalecer o que está bom no ser humano. Incentivar as dimensões positivas das pessoas tem mostrado resultados, muitas vezes, surpreendentes, pois oportunizamos ao sujeito demonstrar faces, muitas vezes, ocultas. Na mesma linha, Sheldon e King (2001) definem a Psicologia Positiva como uma tentativa de levar psicólogos contemporâneos a adotarem uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais, das motivações e das capacidades humanas. Assim como o

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

empreendedor não pode mais ser definido apenas pelo contexto econômico/empresarial, também todas as dimensões da vida precisam ser vistas de forma sistêmica (interdisciplinar, transversal), pois não existe vida de forma isolada.

Assim, a Psicologia Positiva, envolta na subjetividade do sujeito, aborda temas “como a felicidade e outras emoções positivas, os seus benefícios e as formas de os desenvolver”, de acordo com Nunes (2007, p. 1). Na elaboração de metodologias na educação, essa nova abordagem da psicologia pode contribuir muito para a compreensão e o desenvolvimento das potencialidades humanas, entre as quais o empreendedorismo, como afirma Nunes (2007, p. 30): “a psicologia positiva interessa-se antes de tudo pelo modo como essas forças promovem a otimização de todo o potencial humano da pessoa”.

Nessa mesma dimensão estão Paludo e Koller (2007, p. 12), quando afirmam que “assinala-se que a Psicologia Positiva pretende contribuir para o florescimento e o funcionamento saudável das pessoas, grupos e instituições, preocupando-se em fortalecer competências ao invés de corrigir deficiências”. Mais adiante (p. 15), os mesmos autores concluem: “com a proposta da Psicologia Positiva (teremos) o foco nas virtudes e forças pessoais, as capacidades para a resolução de problemas e a demonstração de competências.” Firma-se a convicção da integralidade humana: de que a educação necessita aproximar dimensões cognitivas, emocionais, afetivas, entre outras, para que possamos acreditar em uma formação mais qualificada. Por isso, Nunes (2007, p. 1) lembra que as “temáticas como as emoções positivas destacam-se nos atuais estudos científicos da psicologia”, o que, no passado, estava excluído das reflexões, ou pouco presente nelas, principalmente, nas dos pedagogos.

Assim, a Psicologia Positiva pode oferecer relevantes contribuições para a educação. Quando assistimos aos docentes e às instituições escolares debaterem-se com a falta de sentido, com a desmotivação, a “indisciplina”, vem esta corrente psicológica alertar que é preciso resgatar e fortalecer as capacidades, as potencialidades, a afetividade, a emoção, o amor naquilo que fazemos. Peterson e Seligman<sup>3</sup> (2004, p. 163) explicam que

*Quando as pessoas têm amor pelo aprendizado como uma força, são cognitivamente engajadas. Elas geralmente experimentam sentimentos positivos no processo de aquisição de competências, satisfazendo a curiosidade, com base no conhecimento existente, e ou o aprendizado de habilidades (Krapp e Fink, 1992). Esta força tem importantes consequências motivacionais na medida em que ajuda as pessoas a persistirem no enfrentamento aos obstáculos, desafios e “feedback” (retrocessos) negativos.*

<sup>3</sup> As citações de Peterson e Seligman constantes no presente artigo foram traduzidas pelo Prof. Ms. Sérgio Ferreira



Certamente o termo amor (por algo) pode exprimir a amplitude dos sentimentos e o todo do ser – cognitivo e afetivo – que precisa estar envolvido para que possamos levar os estudantes a desenvolverem aprendizagens significativas. O desafio está em proporcionar situações que motivem, provoquem e envolvam o sujeito com amor no ato de produção de conhecimento. Peterson e Seligman (2004, p. 163) concluem que

*É provável que as pessoas com amor pelo aprendizado como uma força geral fortemente apoiem declarações como as seguintes:*

- *Eu não posso fazer isso agora, mas acho que serei capaz de fazê-lo no futuro.*
- *Eu gosto de aprender coisas novas.*
- *Eu farei o que for preciso para fazer uma tarefa corretamente.*
- *O aprendizado é uma experiência positiva.*
- *Eu me preocupo mais em fazer um trabalho completo do que em receber uma boa nota.*

Esses são ideais sonhados pelos educadores: ter um aluno motivado, que faça com amor aquilo que faz e que perceba o aprendizado como uma experiência positiva. Os mesmos autores (Ibid., p. 168) lembram que

*Além do valor atribuído para a realização de competência, pessoas que apresentam um amor pelo aprendizado, é esperado delas, também, que atribuam grande valor ao conteúdo do que é aprendido. [...] Uma pessoa que trabalha com um conteúdo de interesse individual bem desenvolvido é normalmente capaz de perseverar seus esforços apesar dos tipos de frustração que o conteúdo trabalhado possa representar.*

Temos debatido muito essa questão do aprender com prazer e com amor. Certamente, como nos ensina a Psicologia Positiva, isso passa pelo envolvimento afetivo, emocional, desafiante, por meio de estímulos positivos. Nesse sentido, desafios nos esperam no campo educacional. Os conteúdos teóricos precisam ter razão de ser para o professor e para o aluno; precisam provocar, por meio da inclusão de problemas do contexto dos alunos, o desejo e a motivação. Como um aluno vai envolver-se com amor, emocional e afetivamente, em algo no qual não vê sentido? Como vamos formar empreendedores, persistentes, criativos, se a nossa abordagem não for capaz de provocar motivação, envolvimento e produção significativa?

São questões que precisam ser abordadas em todas as dimensões, a começar pelos cursos que formam professores. A próxima dimensão, resiliência, que integra as contribuições da Psicologia Positiva, certamente acrescentará mais alguns elementos ao nosso tema de debate.

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

## • Resiliência: a adversidade como potencial de crescimento

A vida é um movimento sistêmico em elasticidade e distensão. Talvez essa afirmação cause um pouco de estranheza. No entanto, o contexto, nosso entorno, nosso organismo, enfim, a vida move-se constantemente entre o caos e a ordem. É esse movimento que dá e mantém a vida. Consequentemente, seja em nossos sentimentos, nossa subjetividade, seja em nossas ações visíveis e concretas, há constantemente distensões, crises, conflitos, problemas, enigmas, acomodações, adversidades, necessidades, desejos. Temos aqui, no seio da Psicologia Positiva, esse promissor movimento que garante vida saudável: a resiliência. A resiliência, de acordo com Yunes (2003, p. 77) teve origem com Thomas Young, que, em 1807, considerando tensão e compreensão, introduziu, pela primeira vez, a noção de módulo de elasticidade. A reflexão sobre esse termo em muito irá contribuir, em especial na metodologia, para a formação de pessoas competentes (que conseguem, na crise, resolver problemas fora da rotina) e empreendedoras (as quais criativamente encontram soluções ou apontam explicações para problemas sociais, culturais, econômicos, entre outros). Emerge, assim, um rico referencial para as práticas pedagógicas.

Vejamos alguns conceitos e fundamentos. De acordo com Nunes (2007, p. 2), resiliência é a “capacidade profunda para a superação de crises em situações adversas, estando presente em indivíduos, comunidades e instituições”. Encontramos, portanto, aproximação significativa entre a resiliência, a formação para as competências e, em especial, a abordagem do empreendedorismo. De acordo com Zimmermann e Arunkumar (1994), a resiliência refere-se a uma habilidade de superar adversidades, o que não significa que o indivíduo saia da crise ileso. Temos, portanto, a partir de uma provocação da adversidade, o sujeito em movimento (competente e empreendedor), buscando respostas, explicações, soluções para atender às suas necessidades e aos seus desejos.

A Psicologia Positiva encontra na resiliência a força para potencializar as dimensões e capacidades humanas. Em um contexto de mudanças vivido hoje, a educação precisa confrontar os estudantes com desafios constantes, a fim de que se exercitem e tenham competência para agir e interagir em seu meio com capacidade empreendedora. Isso significa colocá-los em constante distensão, no caos, para que, sustentados pela teoria, construam a nova ordem. De acordo com Santos e Carreño (2010, p. 161), “essa capacidade do ser humano em persistir por meio de adaptações constantes através da resiliência e perseverança face às dificuldades ou obstáculos que encontra é, então, entendida como resiliência”. Bem sabemos que essa é uma das qualidades de que todo o empreendedor necessita.

Mais adiante (p. 161), os autores definem a resiliência como “a capacidade de responder de forma mais consistente aos problemas, dificuldades com

que os sujeitos se deparam frente aos diferentes contextos.” No contexto em que precisamos formar pessoas empreendedoras, competentes, com espírito de pesquisa, críticas, cuja base provocadora são os problemas e os enigmas, a resiliência vem somar-se às construções pedagógicas.

Yunes (2003, p. 77) contribui para essa explicitação, ao citar Martineau, com a ampliação da compreensão da resiliência, quando “sumariza os principais traços vistos como características fixas da resiliência, que formam um consenso na opinião de diversos autores: sociabilidade, criatividade na resolução de problemas e um senso de autonomia e de proposta”. O mesmo autor (p. 82), citando Walsh, traz os processos-chave da resiliência, dentre os quais encontramos o Sistema de crenças, que o autor denomina o coração e a alma da resiliência; é o processo no qual encontramos a atribuição de sentido à adversidade, o aprender e o crescer por meio das adversidades. Esta, certamente, é uma característica humana que posiciona a pessoa movida pelas crenças frente a necessidades que provocam a busca de respostas, explicações ou soluções.

Como segundo processo-chave, encontramos os Padrões de Organização, caracterizados pela flexibilidade, ou seja, a capacidade para mudanças, reformulação, reorganização e adaptação, passando pela estabilidade e o sentido de continuidade. Esse processo possibilita ao ser humano um movimento de elasticidade frente ao contexto, (des)estabilizando-o, buscando assentar novas bases para projetar a vida à frente. No terceiro processo-chave, encontramos os Processos de Comunicação, caracterizados pelas expressões emocionais abertas, com interações prazerosas e bem humoradas. Podemos destacar, nesse terceiro processo, a colaboração na solução de problemas, pela identificação desses problemas, de estressores e opções, pela explosão de ideias com criatividade, pela tomada de decisões compartilhada, o foco nos objetivos, a postura proativa (prevenção de problemas, resolução de crises, preparação para futuros desafios).

As considerações de Walsh são importantes subsídios para modelar processos pedagógicos na busca da formação de pessoas competentes e empreendedoras. No pano de fundo dessas discussões, encontram-se as bases do pensamento científico, do qual estamos tão carentes em nossa sociedade.

Nessas breves considerações sobre resiliência, trazemos mais algumas contribuições que refletem e remetem à educação. Santos e Carreño (2010, p. 166) afirmam que:

*Segundo essa perspectiva (resiliência), podemos educar o humano no sentido de aumentar o nível de resiliência, proporcionando diretamente um aumento de sucesso educacional, do estado de saúde, do bem-estar psicológico em toda a sua dimensão.*

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

Acrescentamos que, desde tenra idade, se o sujeito for constantemente confrontado com situações de distensão (enigmas, problemas, necessidades), provocado a buscar soluções (fundamentadas teoricamente), teremos um estudante mais ativo, interessado, motivado, produzindo com mais qualidade, desejoso em conhecer – com espírito perquiridor, saudavelmente irrequieto, no entanto, mais realizado e feliz.

Os mesmos autores complementam quando dizem que

*[...] a capacidade de resiliência pode ser ensinada, adquirida através da educação. Não existiria vida humana se os antepassados não tivessem ultrapassado riscos e vulnerabilidade nos períodos de vida, desenvolvendo para isso proteção e capacidade de resiliência. A melhor preparação para a dificuldade é a própria dificuldade (SANTOS; CARREÑO, 2010, p. 166).*

Temos, portanto, nos fundamentos da resiliência, um bom exercício para comprovar as bases da Psicologia Positiva que, ao possibilitar ao sujeito aprender com desejo, desenvolver as ações com amor e motivação, formará empreendedores qualificados.

## • Afetividade e emoção: potencializar a mente que raciocina

Abordar a Psicologia Positiva remete também a duas dimensões humanas, costumeiramente pouco presentes no campo educacional: a afetividade e a emoção. Sem envolvimento emocional e sem desenvolvimento de uma relação afetiva com o fazer, a ação humana torna-se estéril, realizada como um ato obrigatório, mas não prazeroso. Logo, a qualidade do fazer fica prejudicada. Para refletir sobre o tema e aproximá-lo do fazer empreendedor, potencializando a mente, vejamos o que diz Nunes (2007, p. 10):

*A afetividade positiva traduz-se na tendência a experimentar sentimentos e emoções agradáveis (como sejam a alegria, o entusiasmo, o orgulho, a felicidade). Reflete o quanto uma pessoa se está a sentir entusiasmada, activa e alerta. Altos níveis de afecto positivo representam um estado de alta energia, total concentração e satisfação, enquanto baixos níveis de afecto positivo são caracterizados por tristeza e letargia.*

Retomando e agora fundamentando o tema, afirmamos que o fazer humano e, nesse campo, a educação, para ter sucesso, precisa integrar as dimensões cognitivas, afetivas e emocionais. Igualmente Nunes (2007, p. 13) conceitua a emoção como

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

*[...] uma resposta intensa e breve a algum evento que provoca uma mudança psicológica e da expressão facial... as emoções estão relacionadas às necessidades evolutivas de sobreviver... as emoções negativas conduzem necessariamente a uma ação física, as positivas conduzem a ações de pensamento.*

A autora (2007, p. 13) amplia a reflexão e a complementa:

*O interesse e os seus estados emocionais relacionados (curiosidade, o maravilhar-se) aparecem em contextos seguros, que ofereçam novidades, curiosidades, oportunidades, desafios, ou mistério. O interesse constrói na pessoa um acervo de conhecimento e de habilidades cognitivas.*

E conclui a mesma autora (2007, p. 15): “Pessoas que sentem regularmente emoções positivas são, de alguma forma, erguidas numa espiral ascendente de contínuo crescimento e realização”.

Corroborando as afirmações de Nunes, Sampaio (2007, p. 46) afirma que “os problemas humanos não se resolvem no nível da racionalidade, mas no nível afetivo”. Essa constatação pode ser exemplificada por várias dimensões da vida humana. Enquanto as dimensões emocional e afetiva não estiverem bem resolvidas, o cérebro terá limitadas chances de encontrar respostas para as questões complexas da vida. Afirma Goleman (1995, p. 23): “na verdade temos duas mentes – a que raciocina e a que sente”. Assim, está novamente posto o grande desafio para os profissionais da educação. Essa afirmação também vem referendada por Asensio y Larrosa (2006, p. 25) “Toda la construcción de la identidad del sujeto está amalgamada de cognición y emoción”. Podemos recorrer aqui a outros teóricos, como Piaget (ASENSIO y LARROSA, 2006, p. 100) quando “dejó explícita la integración entre inteligencia y afectividad.” Asensio y Larrosa (2006, p. 100) continuam com as reflexões citando Ellis:

*Cuando sentimos, pensamos y actuamos; cuando actuamos, sentimos y pensamos; y cuando pensamos, sentimos y actuamos. Por qué? Porque los humanos raramente sólo sentimos, sólo pensamos o sólo actuamos (ASENSIO Y LARROSA, 2006, p. 174).*

No campo mais preciso da educação, inúmeros referenciais apontam o elo entre o cognitivo e o afetivo. Morin (1990, 2000, 2001), por exemplo, reúne à reflexão sobre a dimensão cognitiva e emocional a necessidade da abordagem sistêmica dos conteúdos quando critica a fragmentação dos conteúdos e o privilégio dado aos aspectos racionais nos processos de aprendizagem, em detrimento de uma visão complexa dos fenômenos

naturais e da própria condição humana. Procurando superar o que diz ser *O erro de Descartes*, Damásio (2001) dirá, com base nos estudos sobre a neurobiologia, que as emoções são inseparáveis e imprescindíveis nos processos de raciocínio e nas modulações das características cognitivas que garantiram a evolução da nossa espécie.

Outros autores, entre os quais Dell’Agli e Brenelli (2006, p. 32), associam integradamente as dimensões cognitiva e afetiva para que possa ser provocado o desejo de aprender nos alunos, quando afirmam:

*A ação, seja ela qual for, necessita de instrumentos fornecidos pela inteligência para alcançar um objetivo, uma meta, mas é necessário o desejo, ou seja, algo que mobiliza o sujeito em direção a este objetivo e isso corresponde à afetividade.*

Tal pensamento é acompanhado por outro similar, de Asensio y Larrosa (2006, p. 185): “Las emociones producen cambios corporales que son vividos subjetivamente y percibidos cognitivamente, a fin de propiciar grados de coherencia entre lo que se expresa y lo que se siente”. Estes autores concluem afirmando (p. 187) que a educação integral não pode prescindir da harmonia entre o cognitivo e afetivo/emocional:

*La finalidad de la educación es el pleno desarrollo de la personalidad integral del individuo. En este desarrollo pueden distinguirse como mínimo dos grandes aspectos: el desarrollo cognitivo y desarrollo emocional.*

Continuando a associar a interação cognitiva com a afetiva e relacionando essa interação com a geração do desejo que leva à sensação de bem-estar no sujeito, Goleman (1995, p. 21) enfatiza que “a sensação de felicidade causa uma das principais alterações biológicas. Essa configuração dá ao corpo um total relaxamento, assim como a disposição e entusiasmo para a execução de qualquer tarefa que surja e para seguir em direção a uma grande variedade de metas.” Essa é, também a orientação que Asensio y Larrosa (2006, p. 56) dão aos professores ao afirmar que, sem provocar o desejo, como já vimos anteriormente, associando o cognitivo e afetivo, até os melhores métodos estarão limitados:

*Antes de diseñar cualquier tipo de enseñanza, antes de pretender aplicar cualquier método de aprendizaje o de proponer, aún con buenas razones, la modificación de ciertos comportamientos, el educador debiera hacerse consciente de que sin la aceptación de aquel a quien se dirige poco es lo que va conseguir de sus supuestamente bien planificadas iniciativas.*

O quadro acima nos remete a aceitar que a formação proclamada hoje – de pessoas empreendedoras, competentes, com capacidades mentais superiores – ficará sempre prejudicada se não for somada ao desenvolvimento cognitivo, à dimensão afetiva e emocional. Esse é o grande desafio, pois estamos agora envolvidos com a dimensão subjetiva do sujeito, muito mais complexa de ser compreendida, já que o cérebro, como vimos, é guiado não somente pela dimensão cognitiva, mas também pelo afeto e pela emoção. Para concluir, trazemos mais algumas citações que corroboram essa opinião. González Rey (2003, p. 249) argumenta: “A integração do afeto na vida psíquica [...] é o processo pelo qual o afeto ganha sentido subjetivo... Uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional.” Neste sentido, Goleman (1995, p. 53) contribui com significativa reflexão:

*[...] na realidade, os úmidos programas e peças cerebrais bóiam numa poça pegajosa e latejante de produtos neuroquímicos, em nada semelhantes ao silício ordenado e satanizado que gerou a metáfora orientadora da mente. Os modelos adotados pelos cientistas do conhecimento para explicar como a mente processa a informação não levam em conta o fato de que a racionalidade da mente é guiada pela emoção.*

No mesmo contexto, o autor (Ibid, p. 54) observa que “As emoções enriquecem; um modelo mental que as ignora se empobrece”:

*A distorcida visão científica de uma vida mental emocionalmente vazia – que orientou os últimos oitenta anos de pesquisa sobre a inteligência – está mudando aos poucos, à medida que a psicologia começa a reconhecer o papel essencial do sentimento no pensamento.*

Podemos ilustrar ainda as consequências que o desequilíbrio afetivo tem provocado no contexto social. De acordo com Asensio y Larrosa (2006, p. 179) “en 2003 se registraron 1.600.000 muertes violentas y en el mundo un 5% de los jóvenes pasan por estados depresivos”. Acrescentam ainda os mesmos autores (p. 181): “Se puede afirmar que muchos de los problemas que afectan a la sociedad actual (consumo de drogas, violencia, prejuicios étnicos, etc) tienen un fondo emocional”.

Embora aceitemos que a educação formal, aquela que se processa nas instituições educacionais, não consegue desenvolver a formação integral almejada, temos consciência de que ela tem papel importante e pode contribuir muito para a qualificação do desenvolvimento cognitivo, integrado com a formação subjetiva, que tem suas nuances no todo do sujeito e origina as motivações, os desejos e harmoniza o emocional, ou seja,

a afetividade. O equilíbrio do desenvolvimento das dimensões cognitiva e afetiva, acreditamos, possibilitará ao sujeito sensibilizar-se com os problemas do mundo, construindo compreensões e soluções para eles; em síntese, esse equilíbrio o capacitará para ser melhor empreendedor.

Essas reflexões sobre o emocional e o afetivo, somadas às feitas sobre a resiliência, nos levam a perceber importantes contribuições que a Psicologia Positiva pode trazer para qualificar nossas compreensões pedagógicas e para ser um referencial significativo na construção de ensaios educacionais que venham a trazer nova luz para a formação.

## **A motivação humana potencializada pelo significado da ação**

Problema histórico em nosso meio é o de alunos ou pessoas desmotivadas com o seu fazer. Os fatores motivadores estão relacionados com inúmeras dimensões humanas. Provocar o desejo é o grande desafio, em especial, dos professores. No campo educacional, a problematização, por exemplo, é tida hoje como uma forma de provocar o desejo de aprender. Ter metas pessoais a serem construídas e atingidas certamente é outro grande fator de motivação. No entanto, tudo isso é impulsionado pelo sentido que o sujeito encontra naquilo que vai realizar. Embrenhar-se em uma ação na qual não se vê sentido para a vida leva ao fazer mecânico, ou seja, a cumprir uma tarefa por cumpri-la. Nessa perspectiva, as dimensões afetiva e emocional ficam altamente prejudicadas.

O desejo está ligado à motivação, que é provocada pela emoção e sustentada pelo corpo afetivamente ligado a um determinado fazer. Temos aqui um dos grandes problemas da educação atual. As teorias, na maioria das vezes, nada significam para o professor e para o aluno, trazendo desmotivação para ambos, consequência de desequilíbrio emocional e carência afetiva nos espaços pedagógicos. Os resultados daí advindos são a pobreza de produções e a indisciplina, os estresses, os mal-estares, conforme temos percebido ao longo de anos, no âmbito escolar. É comum ouvir de professores e alunos que os conteúdos não significam nada em sua vida. Dizem que estão desinteressados e desmotivados.

Para nos ajudar também a compreender essa dimensão humana, a motivação e o sentido, e a buscar uma nova perspectiva quando tratamos da formação de pessoas empreendedoras, vamos nos apoiar em vários autores que relacionam as dimensões cognitivas, afetivas, emocionais e motivacionais à razão de ser da ação na vida das pessoas, às metas almejadas, ao desejo provocado.

Segundo Asensio y Larrosa (2006, p. 190),

*La motivación está intimamente relacionada con la emoción.  
Motivación proviene de la raíz latina movere (mover); igual*

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*



*que emoción (de ex-movere, mover hacia fuera). La puerta de la motivación hay que buscarla a través de la emoción. A través de esta vía se puede llegar a la automotivación, que se sitúa en el extremo opuesto del aburrimiento; y que abre un camino hacia la actividad productiva por propia voluntad y autonomía personal. Este es uno de los retos de futuro de la educación.*

O pensamento é iluminado pela importância da emoção, da motivação das pessoas e da relação existente entre ambas. É certo que sem motivação e sem desejo a ação educativa não se realiza.

Estamos formando, portanto, um campo de reflexões, em que o cognitivo, o afetivo, as práticas sociais, a história, a cultura se aproximam e estão integrados quando tratamos de provocar desejos e motivações. Estamos, assim, tendo o cuidado de focar as práticas pedagógicas respeitando a natureza humana. Nesse sentido, também, contribui Codo (1999, p. 50), chamando a atenção para o papel do professor quando está delineando o clima e o ambiente da motivação:

*Motivação, cooperação, boa vontade, cumprimento das obrigações deixam de ser tarefas árduas para os alunos. Interesse, criatividade, disposição para exaustivamente sanar dúvidas, estimulam o professor. Em outras palavras, o papel do professor acaba estabelecendo um jogo de sedução, onde ele vai conquistar a atenção e despertar o interesse do aluno para o conhecimento que ele está querendo abordar.*

O tema do professor motivado, construindo ambientes motivados e motivando os alunos, é pouco tratado. Também Voli (1998, p. 147) afirma que

*A projeção que o professor envia de si mesmo à classe é recebida por seus alunos, que por sua vez vão se sentindo seguros, reforçados em seu próprio autoconceito, partes integrantes do grupo, motivados a aprender e conscientes de sua capacidade de fazê-lo. Sua projeção motiva seus alunos a entrar por si mesmos em uma situação de auto-estima e, portanto, de autodisciplina, autorresponsabilidade e autorrealização.*

Portanto, abordar a relação entre o cognitivo e o afetivo na educação, provocando motivações, não pode ater-se somente ao aluno. É preciso, primordialmente, pensar no professor. O sentido de ser do que faz é para o professor oxigênio na motivação do fazer. No entanto, esse professor, e não só ele, mas em linhas gerais, todo o modelo de educação que temos ainda

nos dias de hoje precisa ser re-questionado. Formar pessoas empreendedoras passa pelo re-questionamento de todo o sistema.

É o nosso desafio mudar essa realidade e transformar as instituições educacionais em espaços que oportunizem ao ser humano desenvolver-se em todas as suas dimensões e tornar-se capaz de responder, com competência, com espírito empreendedor, aos desafios do contexto. Talvez um bom caminho a seguir seja aprofundar nossas compreensões sobre o ser humano, a partir, por exemplo, da Psicologia Positiva, e pensar práticas pedagógicas que contemplem as buscas e necessidades humanas. Neste sentido, Santos e Carreño reportam-se a Maslow quando este afirma que “o ser humano é marcado por uma dinâmica crescente de satisfação de necessidades” (MASLOW, apud SANTOS E CARREÑO, 2010, p. 153). É preciso conhecer, sempre mais, que necessidades são estas relacionadas com a educação, e procurar desenvolver práticas que venham ao encontro delas. Santos e Carreño (2010, p. 153) complementam: “a motivação humana é orientada pela necessidade de gratificação de necessidades”.

Portanto, a motivação humana, o envolvimento afetivo e emocional no fazer têm uma relação muito próxima com o sentido e a necessidade que as situações provocarem no sujeito. Se quisermos avançar para uma educação que traga satisfação, amor no fazer, realização do fazer, desenvolvimento potencial do fazer, entre outros, então precisamos rever nossas compreensões e sentidos em relação aos conteúdos teóricos que trabalhamos e à metodologia que nos move nesta ação.

## Considerações finais

Necessidades e desejos. Possíveis respostas. Novos desafios e necessidades. A dinâmica da vida é esse constante e salutar movimento. Depois de todas as leis, fórmulas, conceitos construídos historicamente pelo homem para explicar ou solucionar as necessidades e atender aos desejos do seu tempo, chegamos aos dias atuais embrenhados na busca de respostas que se tornam sempre mais complexas e que jamais serão finais e plenas. Chegamos ao final de mais um desses exercícios que pretendem ajudar as pessoas, principalmente os educadores, a oferecer, a partir da ampliação da compreensão da natureza humana, melhores práticas que contemplem a formação de pessoas, para que tenham suas potencialidades desenvolvidas e sejam capazes de viver e conviver, em contextos voláteis, com espírito empreendedor.

Temos, assim, a nossa base qualificada para exercitar-nos nesse processo, apoiados pelos fundamentos da Psicologia Positiva. Ver a pessoa em suas potencialidades, ajudando-a a criar emoções positivas, afetividade e amor no exercício da produção de conhecimento, na busca de saber por que as coisas são como são, traz novas esperanças para uma educação mais humana e voltada a desenvolver as dimensões e potencialidades do homem.

O histórico termo empreendedorismo adquire agora dimensão ampla e

vai muito além da economia e da administração, pois, em todas as partes da nossa sociedade e no meio ambiente que nos envolve, torna-se sempre mais urgente ter pessoas criativas e capazes de encontrar explicações e soluções para problemas sempre mais complexos.

No entanto, levar esses ideais à prática no contexto educacional pressupõe reavaliar vários processos, dentre os quais:

- reavaliar o conceito de **conteúdo**, cuja confusão empírica e teórica, no meio educacional, limita a elaboração e desenvolvimento da prática;
- ressignificar os conteúdos teóricos a partir de sua origem, para que professores e alunos saibam a razão de ser do que é abordado;
- problematizar a prática pedagógica, para que professores e alunos se sintam provocados na produção de conhecimento;
- desenvolver uma metodologia que: parta do contexto problematizado, provocando o desejo; situe o problema do presente no passado; apresente conteúdo teórico (fórmulas, leis, conceitos); explique ou resolva os problemas abordados; e, no final, possibilite ao aluno, utilizando-se do conteúdo teórico assimilado, exercitar-se na compreensão e/ou solução de problemas do seu contexto; e
- por fim, rever a formação dos professores, capacitando-os para a prática pedagógica necessária nos dias atuais.

Avançando na compreensão sempre mais complexificada da natureza humana, preocupando-nos em analisar os cenários dos quais nossos estudantes procedem e para os quais queremos capacitá-los, e, paralelamente, não esquecendo os pontuais tópicos acima, teremos a possibilidade de ter ambientes de mais alegria em nossas escolas e faculdades, além de profissionais da educação mais felizes, alegres, emocional e afetivamente envolvidos e ajudando as crianças, jovens e, hoje, tantos adultos, que buscam sentido de ser em nossos contextos educacionais.

## Referências

ASENSIO, J. M.; GARCÍA-CARRASCO, J.; NÚÑES-CUBERO, L.; LARROSA, J. (Coords.). **La vida emocional: las emociones y la formación de la identidad humana**. Barcelona, ES: Editorial Ariel, 2006.

CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andréa A. **Trabalho e afetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

COLE, A. **Business enterprise in its social setting**, Boston: Harvard University Press, 1959.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

DELORS, Jacques et al. **Educação, um tesouro a descobrir**. Porto, Portugal: Edições Asa, 1998.

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 6, p. 10–29  
jul./dez. 2011*

- DELL'AGLI, B.; BRENELLI, R. A afetividade no jogo de regras. In: SISTO, F.; MARTINELLI, S. **Afetividade e dificuldades de aprendiz**, 2006.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1995.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade**. Trad. Raquel Souza Lobo Guzzo; revisão técnica do autor. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- McCLELLAND, D. **The achieving society**, Van Nostrand, Princeton NJ, 1961.
- \_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Portugal: Europa/América, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Ed. Cortez/UNESCO, 2001.
- NUNES, Patrícia. **Psicologia positiva**. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0115.pdf>>. Acesso em 09 jul. 2011.
- PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Silvia Helena. **Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2007.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- PETERSON, Christopher; Seligman, Martin E. P. **Character strengths and virtues: a handbook and classification**. Published by American Psychological Association, Washington, D. C. e Nova York: Oxford University Press, New York, 2004.
- SAMPAIO, D. M. **A pedagogia do ser: educação dos sentimentos e dos valores humanos**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SANTOS, Bettina Steren dos.; CARREÑO, Ángel Boza. **A motivação em diferentes cenários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- SHELDON, K. M.; KING, L. **Why positive psychology is necessary**. *American Psychologist*, 56 (3), 2001, 216-217.
- SELIGMAN, M. Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In: C. R. Snyder; S. J. Lopez (Eds.), **Handbook of positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2002, p. 3-9.
- VOLI, Franco. **A autoestima do professor: manual de reflexão e ação educativa**. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- ZIMMERMAN, M. A.; Arunkumar, R. **Resiliency research: implications for schools and policy**. *Social Policy Report: Society for Research in Child Development*, 8 (4), 1994, p. 1-18.
- YUNES, Maria Ângela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família**. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 8, n. Especial, 2003.